

DF Brasília, 26 anos, enfrenta crise no transporte, água e energia

BRASILIA — O falecido Presidente Tancredo Neves costumava dizer que conhecia muitas pessoas e instituições cassadas. Cidade, apenas uma: Brasília. E os 21 anos do Governo Militar não lhe custaram só a autonomia política. A jovem cidade, de 26 anos, enfrenta uma crise sem precedentes — com problemas típicos de velhas megalópolis (falta de água, energia, esgoto, segurança, habitação etc.), corre o risco de entrar em colapso total até o ano 2000.

A grave advertência é do próprio Governador do Distrito Federal, José Aparecido de Oliveira, que pretende conscientizar não só os brasilienses, mas também o restante da população e o Governo Federal, de que a “capital de todos os brasileiros” está à beira de se tornar “inviável”.

Para o Governador, a culpa dessa situação caótica deve ser atribuída ao regime militar. Ele observa que o Distrito Federal só respirou liberdade por quatro anos:

— A partir daí, chegaram os militares que, por 21 anos, trataram a cidade como um grande quartel. Justamente uma cidade que, nas palavras de Lúcio Costa “foi concebida com uma profunda convicção democrática”, foi transformada num centro do poder e de privilégios, onde, como o Presidente da República era General, Governador virou posto de coronel, para bater continência e obedecer.

José Aparecido afirma que o desrespeito ao projeto de Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e Burle Marx não ficou apenas no plano teórico e político: a cidade planejada para uma população de 500 mil habitantes tem hoje cerca de 1,7 mil (25 por cento no Plano Piloto, os demais nas miseráveis cidades-satélites) e, de acordo com estudos da ONU, deverá chegar ao ano 2000 com 4 milhões de habitantes.

As recomendações mais elementares foram ignoradas: estudos encomendados ainda no Governo Getúlio Vargas à empresa norte-americana Donald Belsher Associated, em 1954, sobre as condições dos terrenos do Planalto Central advertiam a respeito do risco de erosão em determinadas áreas. E foi justamente numa delas que a cidade-satélite de Ceilândia foi construída, o que obriga o Governo de José Aparecido a gastar, hoje, C\$ 74 milhões para recuperar moradias que recentemente afundaram com a terra.

A própria existência de Ceilândia é insólita. Como os canteiros de

obras para a construção da cidade transformavam-se em favelas, foi criada a Comissão de Erradiação de Invasões (CEI), que terminou por virar mais um núcleo habitacional, acrescentando-se o sufixo “lândia”, hoje com 500 mil moradores. Outra cidade-satélite, Taguatinga, abriga 450 mil habitantes:

— Criaram uma “Baixada Fluminense” no Cerrado — desabafa o Governador.

A impunidade do regime militar contribuiu ainda para a proliferação de loteamentos clandestinos, com cerca de 20 mil lotes irregulares alguns ocupados por personalidades como o ex-Ministro General Danilo Venturini. A existência de loteamentos clandestinos — 30 por cento das áreas irregulares são terras públicas — não significa só que dezenas de milhares de pessoas foram lesadas. Geralmente são escolhidas áreas próximas a mananciais, agravando o problema ecológico e o abastecimento de água da capital federal. Atualmente a cidade enfrenta um déficit de três mil litros de água por segundo, o que representa que 300 mil dos seus habitantes não recebem água dentro dos padrões recomendados. E o Governador não esconde: com a devastação dos mananciais e os períodos de estiagem, o problema deve agravar-se, podendo ocorrer racionamento.

O esgoto é outro problema: não houve modernização nas estações de tratamento e seu despejo mata rios e lagos do Distrito Federal. O belo lago Paranoá com suas águas escuras é o símbolo da poluição da cidade, vítima ainda de instalações clandestinas.

— Governar Brasília é ter uma mão no esgoto, outra em perfume francês — diz José Aparecido, numa alusão à falta de saneamento básico nas proximidades das luxuosas representações diplomáticas.

Transporte é outro dilema para o brasiliense que, observa o governador, é dividido em “cabeça, tronco e rodas”. Enquanto em cidades como Rio e São Paulo, o trabalhador gasta apenas 9 por cento da sua renda com condução, este índice chega a 14 por cento em Brasília. E, devido a peculiaridade da cidade — a maioria morando nas longínquas cidades-satélites e 70 por cento dos empregos no Pla-

no Piloto — a frota da cidade, superlotada nas horas de pico, opera com 40 por cento de ociosidade, um dos fatores do alto custo.

Sobre a onda de insegurança, José Aparecido observa que, quando chegou ao Governo, a criminalidade era institucionalizada: sua estrutura como governante foi desvendando o assassinato do jornalista Mário Eugênio, crime envolvendo as Polícias Civil e Militar, ponta de um novelo que serviu para desbaratar um “esquadrão da morte” com ramificações em Goiás.

A crise do sistema de saúde é ainda mais conhecida porque em Brasília os doentes são famosos — políticos, Ministros e até Presidente da República — e, ao contrário dos Estados, cabe ao Governo local cuidar de 90 por cento do atendimento à população.

Quanto à estrutura administrativa, não só é obsoleta como despreparada. Estudos do Governo do Distrito Federal apontam a pouca eficiência do seu pessoal, que absorve nada menos que 91,1 por cento do orçamento da cidade. Com José Aparecido, pela primeira vez, está sendo concluído um plano de governo. O Governador observa que, relegado a um segundo plano, o Distrito Federal era administrado de fato pelo Ministério do Planejamento. Mas ele se recusa a imaginar um futuro negro para Brasília.

— Eu não tenho espaço para sofrer com hipóteses. Já me basta a realidade — comenta.

Para tentar reverter essa situação, o Governador pretende que a própria comunidade redefina seus rumos e, além de um seminário em convênio com o Ministério do Desenvolvimento Urbano, planeja um amplo debate, para o qual pretende contar com a participação da Universidade de Brasília e dos partidos políticos, cujas omissões em relação ao problema não deixa de apontar.

Mas, no entender do Governador, o dilema de Brasília é algo que ultrapassa suas fronteiras. Afinal, são as constantes ondas migratórias que fazem a cidade crescer numa média de 7 por cento ao ano, sofrendo de males importados que deveriam ser erradicados na origem. Brasília, como sublinha José Aparecido, é o grande estuário do Brasil, para onde fluem todas as vertentes políticas e culturais do País, fazendo com que convivam na cidade obras monumentais e a miséria mais absoluta.